

Racismo estrutural e discurso antirracista em “O avesso da pele”, de Jeferson Tenório

Structural racism and anti-racist discourse in “O avesso da pele”, by Jeferson Tenório

Claudemir Sousa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas

Resumo: O negro nem sempre pôde exercer o seu lugar de fala e enunciar acerca de suas experiências no Brasil, as quais são demarcadas pelas práticas racistas de que é vítima. Nesse sentido, este artigo apresenta um estudo de como a literatura pode se configurar como espaço de denúncia das práticas discriminatórias e preconceituosas que têm a etnia como alvo. O objetivo é analisar a presença do racismo estrutural e do discurso antirracista no livro “O avesso da pele”, do escritor Jeferson Tenório, publicado em 2021. Para tanto, buscaremos subsídio nas discussões de Duarte (2008; 2011), Ianni (1988) e Proença Filho (2004) sobre a literatura afro-brasileira, de Foucault (2002; 2007; 2008) acerca do discurso como arma nas lutas dos sujeitos, nas teorias de Almeida (2019) sobre o racismo estrutural e de Ribeiro (2019a; 2019b), sobre as práticas antirracistas. Conclui-se que Tenório (2021) explora a temática afro-brasileira em sua obra, desnudando as relações étnico-raciais no Brasil, rechaçando a tese de democracia racial, ao demonstrar que os negros são interpelados nessa identidade pela violência perpetrada por empregadores, familiares ou por policiais. A violência policial é a principal forma de manifestação do racismo estrutural no livro. Ainda assim, o autor constrói um enredo no qual os personagens lançam mão de diferentes práticas antirracistas contra o racismo sistêmico.

Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira; Discurso antirracista; Racismo estrutural.

Abstract: Black people have not always been able to exercise their place of speech and speak about their experiences in Brazil, which are demarcated by racist practices of which they are victims. In this sense, this article presents a study of how literature can be configured as a space to denounce discriminatory and prejudiced practices that target ethnicity. The aim is to analyze the presence of structural racism and anti-racist discourse in the book “O avesso da pele”, by Jeferson Tenório, published in 2021. To this end, we will seek support in Duarte’s (2008; 2011), Ianni’s (1988) and Proença Filho’s (2004) discussions on Afro-Brazilian literature; Foucault’s (2002; 2007; 2008) about discourse as a weapon in the subjects struggles; in Almeida’s (2019) theories on structural racism and Ribeiro’s (2019a; 2019b), on anti-racist practices. It is concluded that Tenório (2021) explores the Afro-Brazilian theme in his work, laying bare ethnic-racial relations in Brazil, rejecting the thesis of racial democracy, by demonstrating that black people are challenged in this identity by violence perpetrated by employers, family members or by police officers. Police violence is the main form of manifestation of structural racism in the book. Still, the author constructs a plot in which the characters use different anti-racist practices against the systemic racism.

Keywords: Afro-Brazilian Literature; Anti-racist discourse; Structural racism.

Recebido em 14 de junho de 2024.

Aprovado em 19 de novembro de 2024.

Introdução

A literatura afro-brasileira de Jefferson Tenório se caracteriza por um forte discurso antirracista, o qual descortina o racismo estrutural vigente no Brasil e, por vezes, disfarçado. Esse viés antirracista e combativo fez com que o livro “O avesso da pele” (Tenório, 2021) entrasse no centro de uma tentativa de censurar a obra no âmbito do Programa Nacional de Livro Didático (PNLD) do estado do Paraná (G1 Paraná, 2024). Trata-se de um livro com protagonista negro, cuja história é permeada por ações discriminatórias que resultam na sua morte durante uma abordagem policial.

A letalidade policial relacionada à população negra é uma das questões que o Movimento Negro põe em relevo há cerca de 50 anos, conforme argumenta Duarte (2011). Ao constituir esse fenômeno como objeto do discurso literário, Tenório (2021) mobiliza a linguagem para promover uma luta contra o racismo, em um “jogo estratégico e polêmico”, nas palavras de Foucault (2002, p. 9), contra um mecanismo de poder que faz parte da própria estrutura do Estado, que é a polícia, instituição que surge no Brasil exatamente no sistema colonial, objetivando defender os privilégios das classes senhoriais contra os servís, o que foi essencial para assegurar o racismo estrutural, ou seja, um sistema discriminatório baseado na raça para garantir privilégios a uns e desvantagens a outros (Almeida, 2019).

Nesse sentido, compreende-se por que um discurso em que as forças policiais aparecem em uma posição de extermínio da população negra causa aversão e tentativa de proibição da leitura dessa obra. Para aqueles que dela se privilegiam, a ação das forças repressoras do Estado é tida como a única capaz de pacificar o país, mas o que se vê é um extermínio da população negra, fato que se pode comprovar nas estatísticas sobre violência no Brasil, segundo as quais, das 6.416 mortes em intervenções de policiais, 78,9% eram pessoas negras (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021).

Entretanto, no Brasil, a censura não é permitida, segundo o Art. 220, § 2º da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), e a chamada literatura afro-brasileira, mais do que possível de ser trabalhada em sala de aula, é um imperativo legal (Brasil, 2003; 2008). Trata-se de uma literatura na qual o negro ocupa um papel de protagonismo, sendo tematizado nos textos e, ao mesmo tempo, é uma prática em que o escritor negro pode se constituir em autor que fala do universo afro-brasileiro do qual faz parte, exercendo um lugar de fala (Ribeiro, 2019a) o que não é habitual nessa seara. Essa literatura não esteve sempre presente na realidade brasileira e não é fácil demarcar o momento de sua

emergência. Pode-se dizer que ela teve algumas condições de possibilidade ao longo da história até que seu ensino fosse instituído legalmente.

De acordo com Duarte (2011), as condições para a emergência da literatura afro-brasileira enquanto movimento consciente remontam ao início dos estudos Afro-brasileiros, em 1943, quando o sociólogo francês Roger Bastide publicou “A poesia afro-brasileira”. Sua chegada ao Brasil ocorreu em 1938, quando passou a ser docente da Universidade de São Paulo (USP), instituição na qual se dedicou ao estudo do candomblé da Bahia e da poesia afro-brasileira. Esse momento de efervescência nos estudos afro-brasileiros é o eco de um movimento ocorrido nos Estados Unidos da América (EUA), nos anos de 1920, o *New Negro Movement*, no qual artistas, escritores, poetas e músicos se reuniram para combater o racismo.

Ocorre que esse não é o único fenômeno responsável por essa emergência da literatura afro-brasileira. Foucault (2007) nos mostra que os discursos estão ligados a redes de acontecimentos, não sendo apenas um acontecimento a causa ou origem dos discursos. Nesse viés, outras condições para a emergência dessas práticas literárias foram a criação da Frente Negra Brasileira (FNB), em 1931, e do Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1944, por Abdias do Nascimento. Esse sociólogo propunha a ideia de Quilombismo como maneira de denunciar o genocídio do povo negro no Brasil e postulava a afrodescendência como o futuro do país, na contramão das teorias raciais que deram vazão à eugenia e ao nazifascismo, e viam a miscigenação das raças como a responsável pelo atraso do país (Schwarcz, 1993).

Entre os anos de 1960 e 1970, com os movimentos de contracultura, entre eles o *Black is Beautiful*, a revolução sexual, as lutas feministas e pela libertação de África colonizada por países europeus, que conduziu à ideologia do Pan-Africanismo, ocorreu, em 1978, a criação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (antes MNUCDR e hoje MNU) e dos Cadernos Negros, pelo Grupo Quilombhoje, constituindo-se um veículo para difusão da literatura produzida por autores negros.

Esse momento foi marcado também pela criação do Grupo Palmares, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (RS), no ano de 1971, que propôs substituir as comemorações do dia 13 de maio como dia de libertação dos negros escravizados a partir da assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel, pela comemoração¹ do dia 20 de

¹ Le Goff (1990) diferencia comemoração de rememoração. Para ele, rememoração é uma operação em que o conjunto de fatos históricos são ordenados em narrativas e cronologias de acontecimentos que serão

novembro como Dia da Consciência Negra, em função da data da morte de Zumbi dos Palmares, em 1695, que liderou negros nas fugas e lutas contra a escravidão. Os militantes desse grupo realizaram a publicação do Jornal *Tiçã*, propuseram a revisão da história dos negros nos livros didáticos e denunciaram a violência policial sofrida pela população negra, tema principal do livro de Tenório (2021).

Por fim, a revisão crítica da história dos negros no Brasil, ocorrido entre 1980 e 2000, provocou uma crise de paradigmas, desvelando uma série de saberes acerca da nossa formação social, padrões de beleza, acesso à terra, moradia e outros direitos sociais por parte da população negra, sua participação nas instituições, questionamento do chamado “mito da democracia racial”, que muitos atribuem a Gilberto Freyre, para quem os contatos entre os povos que formaram o Brasil não eram explicitamente antagônicos, já que, para ele, houve desagregação de culturas por processos mais sutis e ritmo mais lento do que em outras partes do continente americano. Mesmo reconhecendo que, no Brasil, a comunicação entre os povos não é tão harmônica assim, pois há choques entre as culturas que nos formaram, ele considera que há um “ajustamento de tradições e de tendências raro entre povos formados na mesma circunstância imperialista de colonização moderna dos trópicos” (Freyre, 2003, p. 231).

Nesse contexto, a luta contra o racismo emerge como forma de negar esse mito da democracia racial e desnudar o racismo estrutural (Almeida, 2019). É nesse viés que, em 2003, houve a publicação da lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 (Brasil, 2003), ratificada pela lei nº 11.645, de 10 de março de 2008 (Brasil, 2008), que alteram a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 1996), que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatório o ensino da temática “História e Cultura Afrobrasileira”, inclusive na área de literatura, contribuindo para o resgate e difusão da história dos negros na formação da sociedade brasileira, suas lutas e contribuições para a cultura, a economia e a política do nosso país, bem como a promoção de uma educação antirracista (Ribeiro, 2019b).

Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar a presença do racismo estrutural e do discurso antirracista na obra “O avesso da pele”, de Jefferson Tenório (2021). Para tanto, buscaremos subsídio nas discussões de Duarte (2008; 2011), Ianni (1988) e Proença

acionados pela memória coletiva. Já a comemoração é “a celebração através de um momento comemorativo de um acontecimento memorável” (Le Goff, 1990, p. 432), podendo assumir as formas de inscrição, construção de monumentos, arquivos, bibliotecas, museus, emissão de documentos, dentre outras formas de conservação da memória.

Filho (2004) acerca da literatura afro-brasileira; de Foucault (2002; 2007; 2008) acerca do discurso enquanto prática em que estão presentes as lutas dos sujeitos; de Almeida (2019) acerca do racismo estrutural; e de Ribeiro (2019a; 2019b), no que tange às práticas antirracistas.

Assim, as discussões aqui empreendidas estão organizadas da seguinte forma: na próxima seção, serão apresentadas as contribuições teóricas que nos permitirão elaborar uma discussão acerca do tema em estudo. Em seguida, apresentaremos uma análise do livro por nós estudado. Depois, teceremos as considerações finais.

2 Literatura afro-brasileira: conceitos e contribuições para a luta antirracista

A escrita de obras literárias por pessoas afrodescendentes que se enunciam como negros, no Brasil, não é uma constante. Duarte (2011) considera que muitos afrodescendentes no Brasil não se declaram negros devido aos estigmas que a escravização trouxe para o imaginário social sobre esses sujeitos: até o século XIX, o termo negro era quase sinônimo de escravo. Assumir um lugar de fala (Ribeiro, 2019a) como negro, ou seja, falar da posição de um sujeito que experiencia os dramas atinentes aos negros no Brasil é uma das diretrizes que Duarte (2008) utiliza para conceituar a literatura afro-brasileira. Esse autor, partindo dos postulados de Ianni (1988) e Proença Filho (2004), pontua cinco características para diferenciar essa literatura daquela canônica, que são: o tema, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público leitor.

Primeiramente, o tema ou objeto de discurso na literatura afro-brasileira é o sujeito afrodescendente. Ela se debruça sobre os aspectos humano, social, histórico, cultural, político e artístico dos sujeitos afrodescendentes. Essas temáticas perpassam a diáspora dos negros, as denúncias da escravidão, suas consequências para os negros na atualidade, as lutas por liberdade e os atuais desafios na luta por direitos e contra a discriminação racial, a denúncia da exclusão nos subúrbios, da marginalidade, da prisão e da violência policial etc.

Esse conjunto de temas foi apontado por Ianni (1988) e por Proença Filho (2004, p. 161, grifos do autor), os quais veem nos enunciados sobre o negro brasileiro, no âmbito da literatura, uma trajetória ambivalente: “a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada”. No caso da condição de objeto,

configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante (Proença Filho, 2004, p. 161).

Já a condição do negro como sujeito se caracteriza como “texto do negro”, visto que os sujeitos afrodescendentes ultrapassam o estereótipo e assumem a voz no discurso em uma atitude de defesa da identidade cultural afro-brasileira, em uma autoafirmação étnica. Em análise do discurso, essa diferença de sujeito e objeto não é rígida, já que, para Foucault (2008), o objeto de discurso é aquilo “de quem se fala”. Assim, na literatura afro-brasileira, o negro é, a um só tempo, sujeito e objeto discursivo, em uma atitude engajada. Nesse sentido, o tema do livro “O avesso da pele” (Tenório, 2021) é o negro, sua experiência com o racismo estrutural, sobretudo a violência policial, e as estratégias antirracistas que mobiliza para sobreviver.

Em segundo lugar, no que concerne à autoria ou às “modalidades enunciativas” (Foucault, 2008), ou seja, “quem fala” nos enunciados, a literatura afro-brasileira é elaborada por sujeitos afrodescendentes. Consideram-se a ascendência e o fenótipo como fatores relevantes para determinar essa autoria e não confundir com as práticas discursivas em que outros sujeitos falam sobre o negro, fenômeno ao qual Duarte (2008) denomina de “negrismo”, ou seja, a mera utilização de assuntos atinentes aos negros pelos brancos.

Na literatura brasileira canônica, há uma série de práticas discursivas nas quais o negro é um mero tema do branco. Por outro lado, há uma literatura na qual os autores enunciam sobre o negro, de um lugar de fala próprio do negro (Ribeiro, 2019a). Essa tradição tem início com *Trovas burlescas*, de Luiz Gama, e *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, em 1859, perpassa a obra de Machado de Assis, Cruz e Sousa, Lima Barreto, Solano Trindade e desemboca em autores como Conceição Evaristo e Jeferson Tenório, para citar apenas alguns.

Dizer que essa literatura necessariamente é elaborada por autores afrodescendentes para falar de si não significa proibir que os autores brancos possam falar dos negros. Os autores brancos sempre tiveram condições para falar e se colocaram no centro das narrativas, relegando os negros a um lugar periférico ou de invisibilidade. Por isso, propõe-se que os negros também possam falar de si, saindo da periferia das narrativas ou das zonas silenciadas para exercerem o protagonismo das modalidades enunciativas (Foucault, 2008). A experiência desses sujeitos na história contada por eles

mesmos tem elementos que não podem ser captados em sua tradução pelo viés de outrem, visto que os espaços que negros e brancos habitam na sociedade são racialmente divididos. É por isso que é necessário confrontar os discursos “sobre” os sujeitos afrodescendentes com os discursos “dos” afrodescendentes.

Em terceiro lugar, a literatura afro-brasileira é caracterizada pelo ponto de vista, pela posição que se toma para enunciar, também relacionada a um lugar de fala (Ribeiro, 2019a). O autor dessas práticas discursivas assume uma perspectiva que se identifica com a problemática atinente à vida da população negra. Para tanto, ele se enuncia como um sujeito negro, que se vincula aos aspectos que fundamentam a história dos negros. Desse modo,

a adoção de uma visão de mundo própria e distinta da do branco, sobretudo do branco racista, como superação da cópia de modelos europeus e de toda a assimilação cultural imposta como única via de expressão. Ao superar o discurso do colonizador em seus matizes passados e presentes, a perspectiva da negritude configura-se enquanto *discurso da diferença* e atua como elo importante dessa cadeia discursiva que irá configurar a afro-descendência na literatura brasileira (Duarte, 2008, p. 18, grifos do autor).

O ponto de vista adotado na literatura afro-brasileira constitui um mecanismo de enfrentamento ao racismo estrutural (Almeida, 2019). Ele fundamenta também o estilo de linguagem ou as opções vocabulares que o sujeito que enuncia emprega, e essa é a quarta característica da literatura afro-brasileira. A linguagem nela utilizada demarca o processo transcultural que o Brasil vive em decorrência da diáspora negra. Nessa prática discursiva, constrói-se um universo discursivo marcado por uma linguagem com traços oriundos de África, que adquirem tonalidades fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas novas, em face da visão hegemônica da língua portuguesa. Ressignificar a linguagem é necessário porque

não há linguagem inocente, nem signo sem ideologia. Termos como negro, negra, crioulo ou mulata, para ficarmos nos exemplos mais evidentes, circulam no Brasil carregados de sentidos pejorativos e tornam-se verdadeiros tabus linguísticos no âmbito da “cordialidade” que caracteriza o racismo à brasileira (Duarte, 2008, p. 18-19, grifos do autor).

Problematizar essa linguagem se faz necessário para fundar uma literatura que seja veiculada pelo viés dos sujeitos negros. As opções estéticas e o estilo de linguagem

afrontam padrões adotados como corretos pela cópia de modelos europeus. A língua na qual a literatura afro-brasileira se expressa pode ser denominada de “pretuguês”, termo empregado por Gonzalez (1984, p. 235), para caracterizar a língua da cultura brasileira, fundada sob a égide dos ensinamentos da “mãe preta”, que repassou valores às crianças brasileiras. Para ela:

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês (idem, p. 238).

Esse “pretuguês” representa uma língua com características que revelam a colonização europeia e escravização negra, ao mesmo tempo em que desnuda as formas de resistência negra, que se manifesta nos sincretismos. Muitas palavras empregadas em nossa língua proveem do quimbundo, língua do tronco linguístico Bantu. Nesse sentido, ao transcrevermos trechos da obra em estudo para análise, será possível verificar não só a presença de palavras pertencentes ao universo afro-brasileiro, como também desvios das normas sintáticas, configurando uma opção estética do autor de modo a imprimir a coloquialidade afro-brasileira em seu texto.

Finalmente, a quinta característica da literatura afro-brasileira é o objetivo de formar um público “marcado pela diferença cultural e pelo anseio de afirmação identitária” (Duarte, 2008, p. 20). Tais práticas têm um viés instrucional para o público afrodescendente, que é compreendido como universo recepcional e fator de intencionalidade, e polemizam com o racismo estrutural (Almeida, 2019), na medida em que o discurso, como fato de linguagem, é a irrupção de enunciados (Foucault, 2008) mas é também raro, na medida em que poucos podem enunciar (idem, 2007). Justamente por essa razão, a produção de discurso é objeto de uma luta polêmica e estratégica em oposição na sociedade (idem, 2002).

Essa finalidade de formar um público leitor se expressa na publicação dos Cadernos Negros, a partir de 1978, para mediar as relações dos sujeitos negros com práticas discursivas atinentes ao seu universo. Nesse lugar de enunciação, emergem novos conceitos e práticas discursivas em que o negro é o protagonista. Dessa forma, a literatura

afro-brasileira é aquela feita por sujeitos afrodescendentes em uma operação de resgate identitário e de libertação dos saberes à submissão e hierarquização que o racismo estrutural (Almeida, 2019) produz.

O conceito de racismo estrutural é apresentado por Almeida (2019, p. 33, grifos do autor), para quem “o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional”. Esse autor diferencia os conceitos de “racismo”, “preconceito” e “discriminação”.

Segundo Almeida (2019, p. 22, grifos do autor), “*o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam*”. Essa atitude racista não depende da vontade dos sujeitos, já que é sistêmica.

Já “*o preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertencam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias*” (Almeida, 2019, p. 22, grifos do autor), o que faz envolver práticas intencionais no preconceito. Isso se verifica nas abordagens policiais que alvejam apenas negros como suspeitos, deixando livres os brancos, conforme veremos em Tenório (2021).

Quanto à discriminação racial, “*é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados*” (Almeida, 2019, p. 23, grifos do autor). Assim, o racismo é estrutural porque envolve relações de poder, política e economia, que se expressam em palavras e na própria divisão espacial das raças, visto que a sociedade é estratificada e vive constantes relações de poder, que perpassam estratégias discursivas.

Consideramos que o texto em estudo possui um discurso antirracista, cabe destacar que o discurso é um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de deformação; é assim que poderei falar do discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico” (FOUCAULT, 2008, p. 132) e do discurso antirracista. O discurso é um espaço de relações de poder. Para Foucault (2007, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

Nesse sentido, a produção do discurso antirracista na obra literária em estudo enfrenta resistências porque o texto é atravessado por fatos discursivos, considerados

“como jogos (games), jogos estratégicos, de ação e de reação, de pergunta e resposta, de dominação e de esquivas, como também de luta” (FOUCAULT, 2002, p. 9). Assim, na obra em tela, o discurso antirracista possui um caráter estratégico, como modo de ação contra o racismo estrutural. Para Ribeiro (2019b), a postura antirracista é uma luta coletiva que se expressa em diferentes atitudes combativas às práticas discriminatórias. É esse conjunto que questões que iremos analisar no livro em estudo.

3 Elementos do racismo estrutural e do antirracismo em “O avesso da pele”

Em consonância com o que dissemos a partir de Duarte (2008), destacamos que o tema do livro “O avesso da pele” é a vida do negro no Brasil, especificamente em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), caracterizada por Tenório (2021) como a cidade mais racista do Brasil. Essa temática aparece nas primeiras páginas do livro. Pedro, o narrador, descreve os objetos da casa que seu pai, Henrique, habitava, os quais remetem à religiosidade afro-brasileira e delimitam o seu lugar fala (Ribeiro, 2019a) e dos objetos de seu discurso, inscrevendo-os em uma realidade de significados de ser negro na sociedade brasileira, como segue.

Talvez eu deseje chegar a algum tipo verdade. Não como um ponto de chegada. Mas como um percurso que vasculhe os ambientes e dê início a um quebra-cabeça, um quebra-cabeça que começa atrás da porta da sala, onde encontro um alguidar de argila alaranjada. E, dentro dele, uma pedra, um ocutá, enrolada em guias de cores vermelhas, verdes e brancas, um orixá. Observo-a com cuidado. É assim que se adentra numa vida que já se foi. Tiro o ocutá do alguidar. Lembro o dia em que você me disse que a sua cabeça era de Ogum, e que isso era ter sorte, porque Ogum era o único orixá que sabia lidar com o abismo. Lembrei que foi da sua boca que escutei pela primeira vez a palavra “abismo”. Há palavras que guardamos na infância porque nos confortam. Lembro agora do que tia Luara havia me dito para fazer quando encontrasse com o seu Ogum. Enrole-o num pano, segure-o entre as mãos e leve-o para o rio, ela me disse (Tenório, 2021, p. 14).

Essa narrativa do início da obra está presente na parte final do livro, pois é lá que saberemos se tratar da casa de um professor negro que morreu em uma abordagem policial violenta. Após seu enterro, o filho vai recolher seus objetos religiosos, os quais fazem parte de uma tradição transplantada pelo Atlântico Negro, conforme Duarte (2008). Essa narração dos elementos religiosos entremeia a história. Ogum simboliza a guerra e seus instrumentos e, ao aparecer no princípio e no final da história, prelude que se trata de uma jornada de luta para o personagem central, Henrique, seu filho Pedro, a sua irmã Luara e sua esposa Martha.

As histórias dessas personagens serão narradas ao longo dos capítulos do livro, organizados em um único parágrafo, de forma alternada, como se fossem histórias coletivas. Com isso, utiliza-se uma técnica de narrativa ágil, entrecruzando diferentes épocas das vidas das personagens e lugares por onde viveram, com um procedimento de *flashback*, evocado como pensamentos intrusivos decorrentes de situações de ansiedade e de preconceitos que são vivenciados e sempre remetem a outras situações. Dessa forma, Tenório (2021) constrói um universo valorativo identificado com a causa negra na atualidade, em consonância com o que aponta Duarte (2008) sobre o ponto de vista do autor na literatura afro-brasileira.

Henrique é professor de português em uma escola da periferia de Porto Alegre, o que o localiza também em um lugar de fala (Ribeiro, 2019a) que justifica suas opiniões sobre a sociedade. Ele exerce uma profissão para a qual estudou muito, mas é mal remunerado e continua enfrentando barreiras para a ascensão social. Ele está descontente com a profissão, com os métodos que utiliza, o que o remete à época em que ele serviu o exército, aos 18 anos, em uma associação da disciplina militar com a da escola. Sua vida como docente é retratada como mecânica, uma máquina de dar aula e de fazer ameaças aos alunos para se fazer temer.

Ao falar de quando saía do quartel e tinha que pegar ônibus, evoca-se o momento em que ele foi confundido com um bandido e perseguido por crianças que o acusavam, sendo salvo por um pastor da Igreja Assembleia de Deus. Como tudo isso ocorre na memória, enquanto ele está na sala de aula, entrecruza-se também a época em que ele foi motoboy e, com isso, conseguiu pagar seu curso de Letras para ser professor. É nessa época de motoboy que ele sofre racismo pelo primeiro empregador, que lhe diz abertamente que não gosta de negros. Assim, a presença do empregador branco racista situa oposições nas relações raciais no Brasil, e não em harmonia, como pressupõe e tese da democracia racial atribuída a Freyre (2003).

Essa situação vivenciada no trabalho como motoboy evoca a amizade de Henrique com Juarez, um descendente de indígena que também sofrera preconceito racial em Porto Alegre, com quem ele ia para bailes funks na adolescência. Nessa época, a solidão e a dificuldade de se relacionar com as garotas demarcaram essas vidas de adolescentes não brancos. Esse amigo, por falta de oportunidades de estudo e trabalho, tornou-se traficante, fenômeno social ligado às consequências da exclusão e falta de oportunidades que pessoas não brancas vivenciam no país.

Alguns aspectos da vida afetiva de Henrique são permeados pela experiência do racismo, fazendo-o compreender o lugar que ocupa nessa sociedade racializada, pois, conforme Almeida (2019), o racismo é uma prática por meio da qual o negro se torna negro no Brasil. Henrique namorou uma mulher branca, chamada Juliana. Essa relação foi alvo de comentários racistas, como dizer que ela só estava com ele por dinheiro, e as piadas racistas que eram feitas no ambiente familiar de Juliana, em que se mobilizavam diversos estereótipos sobre os negros para entretenimento, o que configura um racismo recreativo, como segue: “*Você não corre? (...). Já viu algum negro ganhar medalha olímpica na natação? Agora, olhem lá nas corridas. Vocês ganham tudo. É porque desde cedo aprendem a correr dos leões na África, não vê como aqueles quenianos sempre ganham a São Silvestre?*” (Tenório, 2021, p. 29, grifos do autor).

Como nos diz Duarte (2008), esses estereótipos emergem do passado escravista, como fantasmas que habitam o imaginário social, até mesmo o de suas vítimas, e utilizam a linguagem para se perpetuar, sendo poderosos elementos de manutenção das desigualdades. Mas Henrique não é passivo. É justamente por meio dos conhecimentos da linguagem e seus sentidos que ele irá buscar romper com essa ordem simbólica das falas preconceituosas que o objetificam.

Quando Henrique conheceu o professor Oliveira, passou a entender o significado racista que existia nos comentários que os familiares de Juliana faziam durante os almoços, o que passou a incomodá-lo e fazê-lo reagir, retirando-se do ambiente ou confrontando as piadas. As aulas do Oliveira constituíram práticas antirracistas para ele, na medida em que possibilitaram não só negar o racismo, mas conhecer suas causas e combater suas práticas (Ribeiro, 2019b). Henrique aprendeu sobre o movimento negro americano, sobre a teoria racial que dominou o pensamento científico nos séculos XVIII e XIX, como segue.

Oliveira anota mais um nome no quadro e diz para jamais esquecerem dele: *Arthur de Gobineau, o pai do racismo*, ele completa. *Foi este sujeito aqui quem aproximou o conceito de raça do discurso político. Não esqueçam dele*, ele repetiu. *Foi Arthur de Gobineau quem afirmou que as raças protagonizaram as lutas pelo poder e que, portanto, haveria raças inferiores e raças superiores. Depois dele, outros estudiosos da raça vieram e agregaram mais valores científicos para comprovar que os negros pertenciam a uma raça menor* (Tenório, 2021, p. 33-34, grifos do autor).

Henrique compreende os fundamentos do racismo científico, o qual, de acordo

com Almeida (2019), fundamentou grande parte dos processos discriminatórios do século XX e que ainda têm ecos que dão suporte ao racismo estrutural da sociedade brasileira, promovendo a manutenção de desigualdades e discriminações contra negros. A partir desse momento, com a intensificação do que ele caracteriza como uma consciência racial, e que Ribeiro (2019b) concebe como prática antirracista, os afetos e carinhos que eram trocados na cama com Juliana, utilizando as palavras “negão”, “nego”, “preto” e “branquinha” com aceção sexual, passaram a não ser mais aceitas por Henrique. Com isso, Juliana passa a chamá-lo de chato, por não aceitar piadas racistas, e os dois se separam. Desse modo, ele recusa os termos preconceituosos, questiona essa linguagem permeada de sentidos pejorativos, justamente porque são termos racistas que se reverterem de cordialidade no Brasil, conforme Duarte (2008).

Depois dessa relação com Juliana, Henrique se casou com Martha, uma mulher negra. Dessa relação, nasceu Pedro. Fruto de uma gravidez não desejada e um parto inesperado, ele era filho de uma órfã que havia sido adotada. O fato de que seus pais não tenham tido pais presentes se torna um temor que essa história se repita com Pedro. Ocorre que a relação de Martha e Henrique era permeada por renúncias da vida pessoal para viver a vida a dois. Uma relação afetiva conturbada, marcada por brigas, separação, reconciliação e a concepção de que um filho salvaria o casamento.

A infância de Martha foi marcada por afetos precários. Ela passou a ser rejeitada pela irmã adotiva, Flora, com quem brigava constantemente e Madalena, a mãe adotiva, se questionava da decisão de adotá-la, visto que era uma professora e que já tinha outra filha. O momento em que Martha é chamada de negra pela primeira vez também a marcou, sendo seguida depois de recomendação de cuidado para não sofrer racismo e de momentos em que ela sofreu racismo e assédio sexual, como segue:

Então, num dia em que estavam sentadas na praia, Flora olhou para a minha mãe e perguntou, talvez sem maldade, por que a pele dela era mais escura. E foi a primeira vez que alguém falou da cor da sua pele. No início, minha mãe não se importou. Mas, na hora em que Madalena foi questionada por minha mãe a respeito daquilo, ela não soube o que dizer. Talvez nunca tivesse pensado numa coisa assim. Em seguida, disse apenas que a mãe e o pai dela eram negros e que por isso tinha essa cor. Minha mãe fez um movimento afirmativo com a cabeça. Madalena achou que era pouco, e completou dizendo que a cor dela não significava nada que *cada pessoa é uma pessoa e nunca deixe diminuir porque você é negra*, ela disse. Minha mãe, a princípio, não entendeu por que ela falava aquilo com tanta ênfase e passou dias pensando naquela palavra: “negra”. Antes, ela era Martha ou Marthinha. Agora, depois de uma simples pergunta, ela passou a ser Martha e negra. A pele fora nomeada, a existência ganhou sobrenome. Além disso, com a chegada do verão, sua pele escurecia mais ainda, devido à exposição ao sol. Era o tempo em que as praias se enchiam de turistas. Minha

mãe estava com treze anos quando escutou um homem que tinha idade para ser seu avô dizer que ela era uma *mulatinha muito gostosa* (Tenório, 2021, p. 54-55, grifos do autor).

Martha é interpelada nessa identidade negra de forma dúbia: primeiro com inocência, depois de maneira violenta pela voz de uma pessoa branca, que lhe demarca uma diferença étnica. O negro é produto do racismo, determinado exterior, conforme Almeida (2019). Ela é preparada para enfrentar o racismo, mas, na vida adulta, passa a evitar esse tema. Diferente dela, Henrique faz dessa questão um modo de existência, inclusive como forma de cuidado com o filho Pedro. Para prepará-lo para enfrentar o racismo, Henrique fazia perguntas cada vez mais elaboradas para que Pedro respondesse e, como ele incentivava o filho a ler, Pedro conseguia responder fora do senso comum. Uma frase do pai o marcou:

É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver sejam subir esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos (Tenório, 2021, p. 61, grifos do autor).

Antes de casar-se com Henrique, Martha se envolveu com um rapaz chamado Vitor, como quem teve sua primeira relação. Como era uma mulher negra, a sua aceitação pela família de Vitinho é narrada, como segue: “Os pais de Vitinho incentivaram o namoro, por que viam em minha mãe uma boa pessoa, que, embora fosse pretinha, era bonita e poderia até dar netos bonitos, eles pensaram” (Tenório, 2021, p. 65).

Como se vê, a relação de Martha com a família de Vitinho, seu primeiro marido, antes de Henrique, era, de antemão, demarcada por barreiras étnicas. Dona Maria, a mãe de Vitinho, chamou Martha para conversar e atribuiu a ela a tarefa de cuidar da sua casa, porque ela morava em outra casa em um terreno que lhe pertencia, como segue.

Dona Maria não esperou que ela terminasse e foi mais direta: não estou falando só da casa de vocês, estou falando de tudo, e fez um gesto largo com um dos braços. Agora você é da família e isso significa que pode ajudar a manter a casa dos seus sogros limpa também. Uma moreninha forte igual a você pode ajudar bastante. E minha mãe respondeu que tudo bem, que ela se sentia mesmo da família, e a dona Maria lhe agradeceu dizendo que elas iam se dar muito bem (Tenório, 2021, p. 79, grifos do autor).

Dona Maria utiliza um discurso racista de que Martha é como se fosse sua filha, igual muitas patroas fazem com empregadas doméstica para fazê-las dormirem no trabalho e fazerem coisas além de suas atribuições. Martha percebe que é explorada pela sogra, que justifica até que tem problema de coluna para não carregar peso e fazê-la carregar as compras sozinha. Ela já sabia que passaria por situações discriminatórias e que isso era uma consequência do racismo. Ainda assim, ela não é uma pessoa crítica ao racismo e até se submetia a essas situações por questão de sobrevivência.

Martha só consegue se desvencilhar de Vitinho e sua família quando ele passa a agredi-la após o uso de drogas. Ela decidiu sair da casa de Vitinho, aproveitando que ele estava dormindo, pois ele tinha se tornado muito violento e ela não estava feliz na relação. Após fugir sem avisar os pais de Vitinho, Martha retornou para a casa da Madalena e Vitinho foi até lá, disse que aquilo era consequência de ter se casado como uma preta. A polícia interveio na situação para que ele fosse embora. Após isso, Martha se mudou para Porto Alegre, onde sua mãe morreu, para poder sobreviver.

É nesse contexto que ela e Henrique se conhecem e se casam. Duas vidas marcadas por afetos precários e racismo que se juntam. O filho veio quando ela estava para completar 35 anos e sua ginecologista recomendou engravidar pois, com o avançar da idade, era mais arriscado. Quando Pedro nasceu, Martha teve um princípio de depressão e impediu que seus familiares vissem o filho. Com isso, o seu casamento entrou em crise e, após episódios de conflitos entre Martha e Henrique, ele saiu de casa após uma grave briga, na qual ela o ameaçou com uma faca e ele se trancou no banheiro. Ao sair, ele foi embora de casa, a despeito de não querer que o filho tivesse uma trajetória semelhante à sua, de ausência do pai.

Henrique tinha ressentimento do pai por ter sido abandonado com apenas um ano de idade e não escondeu isso. Pedro cresceu com os pais separados. Ele fala da relação que teve com os dois, inclusive com o pai fazendo-o entender que ele era negro. Antes da separação dos seus pais, houve algumas discussões entre ambos relacionadas aos questionamentos que Henrique fazia sobre o racismo estrutural e que Martha não suportava mais, fato que resultava em brigas e separações entre eles, como segue:

A inserção da minha mãe na sua família foi bem mais fácil do que você tinha imaginado. Embora a minha avó tenha desconfiado dela, mesmo ela sendo da raça, apenas pelo modo como a minha mãe te olhava e te dava ordens, e pelo modo como você acatava e tentava fazer suas vontades (...). Acontece que minha mãe foi criada numa família de pessoas não negras, o que a fez ter outra visão sobre o racismo (...).

No início, você tentou argumentar dizendo que ser um casal negro em Porto Alegre, nessa cidade que é a mais racista do país, não era fácil. E minha mãe dizia que você era muito dramático (...). Você a ouvia e pensava que talvez minha mãe tivesse razão. Entretanto, você não podia concordar com tudo, pois você achava que minha mãe estava individualizando uma questão que era, em sua raiz, um problema de ordem estrutural. Mesmo assim, mesmo com os argumentos postos, vocês não se entendiam, e sempre que vocês saíam, para ir ao cinema ou a um parque, você observava que vocês eram os únicos negros do lugar, o que deixava minha mãe irritada (...). Então as saídas de vocês logo se transformavam num inferno. E quando voltaram para casa, depois da última briga que tiveram, vocês decidiram duas coisas:

1. não tocar em assuntos sobre raça;
2. e que iam fazer terapia de casal (Tenório, 2021, p. 75-77).

Ao colocar esses personagens negros com pensamentos discordantes, Tenório (2021) mostra como nem todos são conscientes do racismo estrutural. Enquanto Henrique questiona a ausência de negros nos espaços em que vai, Martha se indigna justamente com o Movimento Negro, por acreditar que ele não conseguiu garantir-lhe vitórias na vida: a sua mãe morreu bêbada, sem que esse movimento a amparasse. Assim, Tenório (2021) mostra que o universo negro não tem um único ponto de vista sobre as problemáticas do negro no Brasil.

Esse conflito racial fez com que Martha e Henrique fizessem terapia de casal. A princípio, ele não queria participar e dava respostas ríspidas aos terapeutas, se ancorando nas questões raciais para contestar a propriedade deles para falar ao casal negro, contestando a própria teoria de Freud acerca do racismo, como segue:

Enquanto isso, você observava os terapeutas. E pensou que eles não sabiam nada de vocês. Não conheciam o tumulto vital de vocês. Eles eram brancos. Vieram de uma classe média. E tinham uma visão limitada do mundo. Não perceberam o que estava acontecendo ali. Eles não faziam a mínima ideia de que a metade dos seus problemas estava contida na cor da pele, você pensou. Não diretamente, mas lá no fundo. Você sabia que tudo isso era mais complexo do que eles imaginavam. A psicanálise tinha cor e ela era branca, você pensou. E definitivamente havia coisas que escapavam a Freud (Tenório, 2021, p. 85).

Apesar de saber que o que os levou até ali foram discussões raciais e que parte de seus problemas decorriam de situações vivenciadas em discriminações pela cor da pele, Henrique faz uma ponderação sobre não justificar suas falhas apontando racismo em tudo. Ele, inclusive, fala de quando era criança e muitos achavam que, por ser muito calado, ele era autista, mas que isso pode ser um comportamento para evitar sofrer retaliação por ser negro, como segue.

E lembrou que a partir daquele momento você sempre achou que fosse autista, mesmo sem saber bem o que isso significava. Você apenas pensou que havia um problema com você, mas talvez nunca tenha percebido que toda aquela vontade de ficar calado, que toda aquela vontade de permanecer quieto, pudesse ter a ver com a cor da sua pele. Que o seu receio de falar, seu receio de se expor, pudesse ter a ver com as orientações que você recebeu desde a infância: não chame a atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Nunca saia sem documentos. Não ande com quem não presta. Não seja um vagabundo, tenha sempre um emprego. Tudo isso passara anos reverberando em você. Como uma espécie de mantra. Um manual de sobrevivência (Tenório, 2021, p. 88).

Após relutar em falar na terapia de casal, Henrique acaba expondo para os psicólogos o que pensa da sua relação com Martha. Entretanto, ao saírem de lá, acabam discutindo e quase se separando. Ao lermos mais sobre a vida de Henrique, sobretudo o ambiente familiar em que viveu, vemos que o racismo e a violência o acompanhavam dentro e fora de casa, como na vez em que ele e suas irmãs sofreram discriminação na rua, como segue:

Subiram a avenida Protásio Alves, passaram pela rua Cristiano Fischer e, em seguida, vocês chegaram à casa da sua avó Julieta, na Vila Bom Jesus, um bairro grande de Porto Alegre. Na época, também era um dos mais violentos. E você sentiu isso na pele logo nos primeiros dias, quando você e suas irmãs foram brincar na frente de casa, com uma bola de futebol que você tinha recém ganhado, e nem perceberam quando um bando de garotos, um pouco mais velhos que você, se aproximou. Um deles, antes de chegar mais perto, baixou e juntou uma pedra, e outro, mais atrás, juntou um pedaço de pau. E de repente vocês estavam cercados. Um deles mandou você entregar a bola sob a ameaça de levar uma pedrada na cabeça. Você até pensou em resistir, mas você só tinha doze anos. Então você apenas fez o que tinha de fazer: entregou a bola. Antes de irem embora, você levou um empurrão e caiu sentado. Suas irmãs gritaram por socorro e então o mais velho mandou elas calarem a boca, *suas neguinhas de merda*, e eles as empurraram também. Ali você descobriu que a sua vida e a vida de suas irmãs não seriam fáceis naquele lugar. Além disso, a violência não se resumia apenas à rua, ela estava também dentro da casa da sua avó (Tenório, 2021, p. 94-95, grifos do autor).

Nesse ambiente familiar, a violência fazia parte da rotina. Estava relacionado a um cachorro e a brigas entre seus tios, com quem viveu. Essa situação toda se dava porque, como sua mãe não tinha condições, ele morava com a avô e os tios e tinha que presenciar essas discussões, sempre com o tio, um traficante de armas e drogas, armado. Desse modo, em consonância com o que apontamos a partir de Duarte (2008), a temática negra está presente nessa narrativa da vida de Henrique pela violência, pelo racismo, no tema do amor e dos afetos que são atravessados também por violência e racismo. Tenório (2021) situa a história do passado de Henrique e de Martha para demonstrar como eles

determinam o tipo de relacionamento que constroem. Sem ter recebido bons afetos, os dois são incapazes de se darem afetos positivos.

A história de Pedro é permeada por essas relações de seus pais. Ele narra duas experiências que teve com o amor e o sexo. Na faculdade de arquitetura, conheceu uma garota negra chamada Saharienne, por quem se apaixonou. Quem os aproximou foi Mauro, um amigo negro que ele fez na faculdade e com quem tinha em comum experiências de abordagens policiais, temática central do livro e que evidencia que ele e o pai têm as mesmas experiências na vida devido ao racismo estrutural (Almeida, 2019) que os imobiliza socialmente. Pedro fala de quando se encantou pelo modo como Saharienne falou sobre suas experiências como mulher negra em um evento do Diretório Central de Estudantes sobre racismo estrutural.

Foi através do Mauro que conheci Saharienne. Lembro do dia em que o Diretório Acadêmico dos Estudantes promoveu no campus um debate sobre racismo estrutural. E, quando sentei ao lado de Saharienne, eu não podia imaginar que aquela guria que estava todo o tempo ao meu lado seria, tempos depois, objeto de um sentimento com que eu não saberia lidar. Em determinado momento, ela pediu a palavra e disse coisas duras e contundentes sobre a condição das mulheres negras na sociedade, sobre os processos de aceitação do próprio corpo, do próprio cabelo, fiquei pasmo com o jeito dela de falar, era como se cada palavra e expressão estivessem todas no lugar. Saharienne manejava a palavra e os gestos com tanta desenvoltura que ninguém dispersava (Tenório, 2021, p. 104-105).

Ele também se encantava com os conhecimentos dela sobre cinema. Passou a assistir a filmes para poder conversar com ela e a sair com ela para o cinema. Ocorre que o tema racial acaba sendo central nas conversas deles. Porém, diferente da relação dos seus pais, ela é a pessoa com melhor letramento racial e repertório sociocultural. Ele se engaja nas discussões que eles realizam e faz de tudo para corresponder ao nível de conhecimento dela, como segue.

Então, para tentar mudar um pouco de assunto, fiz uma observação que você sempre costumava fazer quando ia a determinados lugares, a de que havia poucos negros no cinema. Saharienne concordou, disse que os espaços culturais de Porto Alegre nunca foram atrativos para o público negro. Perguntei por quê, e ela respondeu que talvez os negros não se sentissem à vontade em entrar em determinados espaços, quando como, por exemplo, uma mulher negra decide entrar numa loja voltada para a classe média alta (Tenório, 2021, p. 112-113).

Após se aproximarem devido a esses passeios, Pedro consegue frequentar a casa

da família de Saharienne. Ela passou a levar também para casa um intercambista, causando ciúmes em Pedro. Assim, da mesma forma que seus pais tiveram que lidar com separações e afetos precários, Pedro não obteve sucesso na relação com Saharienne. Cabe destacar que, após o nascimento dele, os pais se separaram.

Nessa época, Henrique estava trabalhando como professor. Pouco antes de sua morte, ele passou a dar aula para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), em que tinha uma turma com um perfil de alunos socialmente desajustados e sem interesse em estudar. Muitos demonstravam apatia e desrespeito com a escola, o que ele fazia o possível para não tomar como um desrespeito com ele, inclusive pelo medo de sofrer violência. Foi nessa época que Henrique começou a sair com Elisa, a professora de inglês de sua escola e que era casada.

Pedro narra vários momentos em que Henrique sofreu abordagens policiais. Foram elas: a primeira, após chegar do Rio de Janeiro em Porto Alegre, aos treze anos, quando estava jogando futebol em uma praça com amigos da escola. Depois, quando estava parado esperando um amigo em frete a um prédio e foi parado pela polícia; quando estava parado em frente a uma casa, esperando uma amigo, que estava na casa em que a mãe dela trabalhava, em um bairro nobre; quando voltava de uma festa para casa com Juarez, a pé, porque não tinham dinheiro e a polícia os parou, perguntando onde estava a maconha deles; quando estava voltando para casa de ônibus, lendo Crime e Castigo, e os policiais mandaram ele e outros negros descerem, mas disseram para um rapaz branco que ele não precisaria descer. Henrique e outros negros foram revistados pela polícia; quando saía do trabalho em uma pizzaria de madrugada e teve a mochila revistada e seus pertences jogados no chão pela polícia; quando estava em uma praça e, depois de uma denúncia de roubo em que o suspeito estava de jaqueta, ele foi parado, revistado, teve a mochila revistada e seus pertences jogados no chão pela polícia, mesmo havendo várias pessoas de jaqueta na praça, que poderiam ser suspeitas também.

A narração desse conjunto de situações de abordagens policiais serve para evidenciar o caráter discriminatório e racista que elas possuem, pois, em todos os casos, o fator étnico é posto em evidência como o motor da abordagem. A presença de personagens brancos, que são poupados da abordagem policial, acentua o caráter de racismo estrutural (Almeida, 2019) dessas ações, uma vez que o policial privilegia os brancos em detrimento dos negros.

Assim, essa relação racial desigual é estruturada pela figura do policial, repetindo

um esquema do sistema colonial. Não ato, na última parte do livro, são narradas em paralelo as histórias de um policial, do Batalhão de Operações Especiais (BOE), que sempre sonhava com sua casa sendo invadida por homens negros, os quais atacavam a sua família, e as histórias de Henrique na escola em que trabalhava, quando ele estava conseguindo dar as aulas com melhor qualidade, pois tinha conseguido se aproximar dos alunos.

O policial, de nome não identificado, pois representa uma coletividade, uma estrutura social racista, teve um colega de farda chamado Maicon assassinado por um homem negro e, a partir daí, passou a ter pesadelos e acordar de madrugada assustado por acreditar que eram muito reais, que ouvia barulhos vindo da área de serviço de sua casa (espaço que simboliza, no imaginário racista, o “devido lugar” de negro) e ficava preocupado com a morte dos filhos. Essa situação de trauma desencadeada pela perda de um amigo tinha ligação com um medo de ser vítima da violência e o tornava mais violento com pessoas negras na rua. Ele e os colegas faziam revistas para tentar encontrar o assassino do Maicon. Nesse percurso, encontram com Henrique, que tem a cor do inimigo em potencial.

Em um dado dia, ao chegar na sala de aula e encontrar os alunos falando de pessoas que tinham matado outras e estavam na mira para morrer, Henrique diz que conhecia e levaria para a sala uma pessoa que matou duas pessoas, mas que todos precisariam estar presentes para saber quem era. Na aula seguinte, ele levou o livro *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, e narrou a história de Raskólnikov, personagem que matou uma senhora e sua filha e depois se arrependeu. Um aluno negro, chamado Peterson, que parece ter se identificado com a história de criminalidade, o procurou ao final para saber mais sobre a história e elogiou a sua aula desse dia. Henrique ficou feliz por ter feito um bom trabalho e saiu muito empolgado da escola.

Enquanto isso, os policiais seguiam procurando o assassino de Maicon, abordando diversas pessoas negras. Em uma das abordagens, parraram um carro com três negros e um branco. O policial perguntou se estava tudo bem com o branco e mandou apenas os negros descerem para a revista. Após isso, chegam em uma vila e um dos policiais, o Matos, comentou:

Que merda isso, caralho. A gente ficar aqui procurando o filha da puta que matou o Maicon. Uma coisa que não dá pra entender, os caras que mais estão na cadeia são os pretos, a gente vai lá e vê que são a maioria. Ai vem essas porras de direitos

humanos pra nos quebrar. Essa gente não sabe o que a gente passa. Já se foram três semanas e ainda não achamos o cara (Tenório, 2021 p. 175, grifos do autor).

Enquanto isso, Henrique estava saindo da escola muito feliz depois de ter dado a sua aula. Os policiais gritavam para que ele parasse o carro para uma abordagem, mas ele estava tão feliz que nem dava ouvidos a isso. Até que, em um determinado momento, ele desceu do carro falando para os policiais sobre o Peterson, com uma pasta na mão, que ele abriu, os policiais gritavam para que ele largasse a pasta, e, como ele não o fez, dispararam vários tiros nele. Henrique morreu e o seu filho Pedro foi reconhecer o corpo.

No velório de Henrique, alguns familiares fizeram algumas falas, além de um ex-aluno dele, que era negro, o qual disse que “*o professor Henrique Nunes não morreu por mera circunstância vida, morreu porque era alvo de uma política de estado. Uma política que persegue e mata homens negros e mulheres negras a séculos*” (Tenório, 2021 p. 186-187, grifos do autor). Com isso, a temática racista no texto se evidencia nas duas falas (do policial e do aluno), pois o motivo da morte de Henrique foi um racismo estrutural (Almeida, 2019), uma prática estruturante da sociedade, que se normalizou nas relações cotidianas.

Após a morte do pai, em um determinado dia, Pedro foi almoçar com a sua tia Luara. Ele observou que, no restaurante, as pessoas ficavam olhando para ela, que era negra, e perguntou como ela conseguia suportar ser julgada pela cor da pele. Luara disse que se acostumou a andar pela rua e as pessoas recolherem as bolsas e mochilas, com o fato de os homens preferirem negras mais claras, a ser só, a chegar a uma entrevista de emprego e ver, fingindo que não percebeu, a cara de desapontado do entrevistador. Ainda assim, ela diz que, com o passar dos anos, aprendeu a se defender bem, a inventar estratégias antirracistas, que nem sempre dão certo. Ela alerta Pedro que os homens negros sofrem um tipo de violência e as mulheres negras sofrem violências de outros tipos, embora algumas sejam parecidas, mas homens e mulheres negros são diferentes e nem sempre as causas são iguais.

Assim, após a morte do pai, Pedro vai até a sua casa e recolhe os seus objetos religiosos, descritos nas primeiras linhas da história. Uma trajetória de luta, simbolizada em Ogum, seu orixá, o qual Pedro segura em suas mãos e leva até o Guaíba, como a tia o recomendou. Dessa forma, Pedro carrega Ogum para continuar a travar a sua luta antirracista, contra o racismo que estrutura as relações raciais no Brasil, a despeito da suposição de democracia e harmonia racial.

Considerações finais

Com o objetivo de analisar o racismo estrutural e o discurso antirracista na obra “O avesso da pele”, de Jeferson Tenório (2021), situamos as condições que tornaram possível a emergência de uma literatura engajada em que o negro se enuncia enquanto tal e luta pelas causas que lhes dizem respeito. Partindo das discussões de Duarte (2008; 2011), Ianni (1988) e Proença Filho (2004) sobre a literatura afro-brasileira, vimos que o negro nem sempre pôde exercer o seu lugar de fala (Ribeiro, 2019a) e enunciar acerca de suas experiências no Brasil, as quais são perpassadas por práticas racistas e discriminatórias que vitimam muitos negros.

Nesse sentido, a partir de Duarte (2008), elencamos cinco características dessa literatura, que são o tema, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público leitor. Tais elementos tornam a literatura afro-brasileira um espaço de denúncia das práticas discriminatórias e preconceituosas que têm a etnia como alvo. O sujeito que enuncia nessa literatura utiliza o discurso como arma nas lutas dos contra o racismo estrutural e busca subverter essa lógica com práticas antirracistas (Ribeiro, 2019b).

É essa a contribuição de Tenório (2021) para a educação antirracista. Ao explorar a temática afro-brasileira em sua obra, desnudando as relações étnico-raciais no Brasil, ele rechaça a tese de democracia racial, demonstra que os negros são interpelados nessa identidade pela violência perpetrada por empregadores, familiares ou por policiais. Dessa forma, Tenório (2021) assume um ponto de vista comprometido com a causa do povo negro, como pressupõe a teorização de Duarte (2008), para denunciar os dramas vividos pelos personagens negros como fruto do preconceito, discriminação, exclusão, miséria, marginalização, e violência que caracterizam o racismo estrutural (Almeida, 2019) brasileiro.

É uma história coletiva que se vê nos noticiários e que se pode atestar em dados estatísticos. No Brasil, negros são presos injustamente, bastando que uma pessoa branca o acuse, e são até assassinados por pessoas brancas que estão a serviço do Estado brasileiro. Nesse sentido, Tenório (2021) é assertivo ao mostrar personagens negros sendo, constantemente, objetivados, interpelados e violentados seja pelo empregador, pelos familiares ou por policiais.

Desa forma, a inclusão da obra de Tenório (2021) no PNLD cumpre a tarefa de levar a literatura afro-brasileira a público, diversificando as leituras e os modelos

identitários, combatendo preconceitos e promovendo práticas antirracistas na educação.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: República Federativa do Brasil: Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 21 nov. 2024.

_____. *Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a fim de estabelecer o ensino de cultura e história africana e afrobrasileira. Diário Oficial da União: República Federativa do Brasil: Poder Executivo, Brasília, DF, 9 de janeiro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 21 nov. 2024.

_____. *Lei nº 11.645/08 de 10 de março de 2008*. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-Brasileira e indígena”. Diário Oficial da União: República Federativa do Brasil: Poder Executivo, Brasília, DF, 10 de março de 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 21 nov. 2024.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. In: *estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, v. 1, n. 31, p. 11-24, 2008.

_____. Entre Orfeu e Exu: a afrodescendência toma a palavra. In: DUARTE, E. de A. (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011, p. 13-48.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

_____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 481. ed. São Paulo: Global, 2003.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*. Fortaleza, p. 223-244, 1984.

IANNI, Octávio. Literatura e consciência. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 91-99, 1988.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LIVRO “O avesso da pele” é recolhido de colégios públicos no Paraná; autor critica censura. *GI PR e RPC*. Curitiba, 06 març. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2024/03/06/livro-o-avesso-da-pele-e-recolhido-de-escolas-publicas-no-parana-por-expresso-es-inadequadas-afirma-secretaria.ghtml>. Acesso em: 06 jun. 2024.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

_____. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: companhia das Letras, 1993.

TENÓRIO, Jéferso. *O avesso da pele*. Vitória: Logos, 2021.